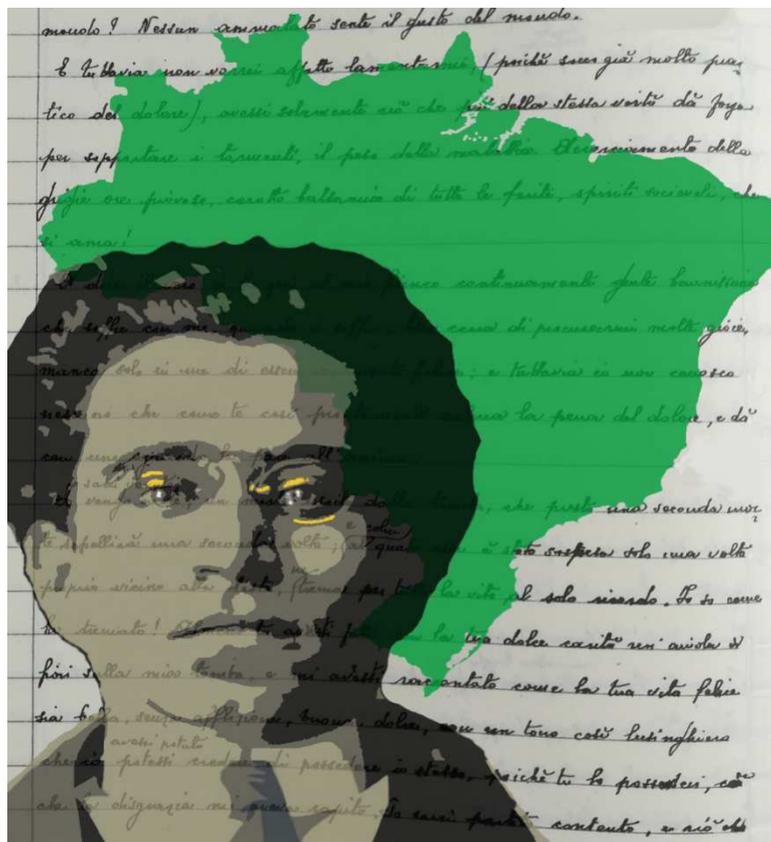


AMMENTU

Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe

“Gramsci tropicale”: dossier sul successo degli studi gramsciani in Brasile

A cura di
Gianni Fresu



CENTRO STUDI SEA

aip edizioni **aip** **aip** **aip**

Numero speciale / 2
gennaio - giugno 2020

Direzione

Martino CONTU (direttore), Annamaria BALDUSSI, Patrizia MANDUCHI

Comitato di redazione

Giampaolo ATZEI (capo redattore), Lucia CAPUZZI, Raúl CHEDA, Maria Grazia CUGUSI, Lorenzo DI BIASE, Mariana FERNÁNDEZ CAMPO, Manuela GARAU, Camilo HERRERO GARCÍA, Roberto IBBA (capo redattore), Francesca MAZZUZI, Nicola MELIS (capo redattore), Giuseppe MOCCI, Carlo PILLAI, Domenico RIPA, Elisabeth RIPOLL GIL, Maria Cristina SECCI (coordinatrice), Maria Angel SEGOVIA MARTÍ, Maria Eugenia VENERI, Antoni VIVES REUS

Comitato scientifico

Nunziatella ALESSANDRINI, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores (Portugal); Pasquale AMATO, Università di Messina - Università per stranieri "Dante Alighieri" di Reggio Calabria (Italia); Juan Andrés BRESCIANI, Universidad de la República (Uruguay); Carolina CABEZAS CÁCERES, Museo Virtual de la Mujer (Chile); Zaide CAPOTE CRUZ, Instituto de Literatura y Lingüística "José Antonio Portuondo Valdor" (Cuba); Margarita CARRIQUIRY, Universidad Católica del Uruguay (Uruguay); Giuseppe DONEDDU, Università di Sassari (Italia); Josep María FIGUERES ARTIGUES (Universitat Autònoma de Barcelona); Luciano GALLINARI, Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea del CNR (Italia); Maria Luisa GENTILESCHI, Università di Cagliari (Italia); Elda GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (España); Antoine-Marie GRAZIANI, Università di Corsica Pasquale Paoli - Institut Universitaire de France, Paris (France); Rosa Maria GRILLO, Università di Salerno (Italia); Souadi LAGDAF, Struttura Didattica Speciale di Lingue e Letterature Straniere, Ragusa, Università di Catania (Italia); Victor MALLIA MILANES, University of Malta (Malta); Antoni MARIMÓN RIUTORT, Universidad de las Islas Baleares (España); Lená MEDEIROS DE MENEZES, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil); Roberto MORESCO, Società Ligure di Storia Patria di Genova (Italia); Carolina MUÑOZ-GUZMÁN, Universidad Católica de Chile (Chile); Fabrizio PANZERA, Archivio di Stato di Bellinzona (Svizzera); Roberto PORRÀ, Soprintendenza Archivistica per la Sardegna (Italia); Sebastià SERRA BUSQUETS, Universidad de las Islas Baleares (España); Dante TURCATTI, Universidad de la República (Uruguay)

Comitato di lettura

La Direzione di AMMENTU sottopone a valutazione (referee), in forma anonima, tutti i contributi ricevuti per la pubblicazione.

Responsabile del sito

Stefano ORRÙ

AMMENTU - Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe

Periodico semestrale pubblicato dal Centro Studi SEA di Villacidro e dalla Casa Editrice Aipsa di Cagliari.

Registrazione presso il Tribunale di Cagliari n° 16 del 14 settembre 2011.

ISSN 2240-7596 [online]

c/o Centro Studi SEA
di Fondazione "Mons. Giovannino Pinna" onlus
Via Roma 4
09039 Villacidro (VS) [ITALY]
SITO WEB: www.centrostudisea.it

c/o Aipsa edizioni s.r.l.
Via dei Colombi 31
09126 Cagliari [ITALY]
E-MAIL: aipsa@tiscali.it
SITO WEB: www.aipsa.com

E-MAIL DELLA RIVISTA: ammentu@centrostudisea.it

“Gramsci tropicale”: dossier sul successo degli studi gramsciani in Brasile

A cura di
Gianni Fresu



ENTRO STUDI SEA

a **aipsa** **edizioni** **sti**

I EDIZIONE

© 2020

Centro Studi SEA
di Fondazione “Mons. Giovannino Pinna” onlus
Via Roma 4
09039 Villacidro
e-mail: info@centrostudisea.it
www.centrostudisea.it
www.centrostudisea.it/ammentu/index.php/rivista

ISSN 2240-7596
ISBN 978-88-96125-52-6

AIPSA Edizioni
Via dei Colombi 31
Cagliari
Tel. 070 306954
e-mail: aipsa@tiscali.it
www.aipsa.com

I diritti di traduzione, di memorizzazione elettronica,
di riproduzione e di adattamento totale o parziale
con qualsiasi mezzo (compresi i microfilm e le copie fotostatiche)
sono riservati per tutti i paesi.



CLACSO
Consejo Latinoamericano
de Ciencias Sociales



In copertina

Antonio Gramsci, immagine realizzata da Alessandro Ruggeri, Cagliari, 31 maggio 2020.

Sommario

“GRAMSCI TROPICALE”: DOSSIER SUL SUCCESSO DEGLI STUDI GRAMSCIANI IN BRASILE

GIANNI FRESU	Introduzione / Introduction	3
1. GIANNI FRESU	Gramsci cittadino del Brasile. Vicende, categorie e ragioni di una fortuna scientifica duratura	9
2. IVETE SIMONATTO SABRINA APARECIDA DA SILVA	Ideologia e Hegemonia em Gramsci: notas sobre a realidade brasileira	25
3. MARCOS DEL ROIO	Carlos Nelson Coutinho e a questão democrática (1977-1981)	38
4. LEANDRO GALASTRI	Mariátegui, Gramsci e as afinidades eletivas de dois pensamentos <i>für ewig</i>	52
5. MARCOS AURÉLIO DA SILVA	Gramsci e a espacialidade da dialética: elementos de uma Geografia Crítica	69
6. MARIA SOCORRO MILITÃO	O movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra (MST) do Brasil e a tradução do ideário gramsciano	83
7. ANITA ELENA SCHLESENER	A linguagem e seu significado político e pedagógico a partir dos escritos de Gramsci	103
8. LUCIANA ALIAGA	Gramsci e Pareto: sobre a passividade das massas	118
9. ANA MARIA SAID	Rivoluzione e democrazia: l'eurocomunismo in Brasile al crepuscolo della dittatura	134

A linguagem e seu significado político e pedagógico a partir dos escritos de Gramsci

Language and its political and pedagogical meaning from Gramsci's writings

Il linguaggio e il suo significato pedagogico a partire dagli scritti di Gramsci

DOI: 10.19248/ammentu.362

Ricevuto: 18.04.2020

Accettato: 07.05.2020

Anita Helena SCHLESENER

Universidade Tuiuti do Paraná (Brasil)

International Gramsci Society Brasil

Abstract

This article takes up some aspects of Gramsci's writings: the question about language and its political and pedagogical meaning is important based on the understanding that language, in Gramsci's reading, has a political and metaphorical dimension and, as such, translatable, enabling the relationship of the knowledges with each other and between them and the real lived. At the same time, the language due to its political dimension, it becomes an important instrument for consolidating hegemony. Education becomes a mediator in the movement to overcome the dominant ideological horizon, which makes it possible to question and renew language.

Keywords: language, hegemony, education

Resumo

Este artigo retoma alguns aspectos dos escritos de Gramsci: a pergunta sobre a linguagem e seu significado político e pedagógico é importante a partir do entendimento que a linguagem, na leitura de Gramsci, tem uma dimensão política e metafórica e, como tal, traduzível, viabilizando a relação dos saberes entre si e destes com o real vivido. Ao mesmo tempo, por sua dimensão política, torna-se um instrumento importante de consolidação da hegemonia. A educação torna-se mediadora no movimento de superação do horizonte ideológico dominante na medida em que possibilita o questionamento e a renovação da linguagem.

Palavras-chave: linguagem, hegemonia, educação

Sommario

Questo articolo riprende alcuni aspetti degli scritti di Gramsci: la questione del linguaggio e del suo significato politico e pedagogico è importante in base alla comprensione che il linguaggio, nella lettura di Gramsci, ha una dimensione politica e metaforica e, come tale, può essere tradotta, e consente il rapporto di conoscenza tra loro e con il reale vissuto. Allo stesso tempo, grazie alla sua dimensione politica, diventa uno strumento importante per consolidare l'egemonia. L'istruzione diventa un mediatore nel movimento per superare l'orizzonte ideologico dominante nella misura in cui consente di interrogare e rinnovare la lingua.

Parole chiave: linguaggio, egemonia, educazione

1. Introdução

A pergunta sobre a linguagem e a sua colocação como paradigma no contexto da filosofia contemporânea nos move a outras interrogações: por que a valorização da dimensão simbólica e cultural no momento em que a sociedade se afirma cada vez

mais no movimento de produção e consumo globalizados? É apenas o simbólico que nos diferencia das demais espécies de animais ou as contradições implícitas em nossa vida social indicam a necessidade de outros parâmetros? O fato de concentrar-se em uma dimensão do humano sem considerar os elos dessa dimensão com o social e o político produzidos no contexto da sociedade moderna não seria um sintoma de uma opção política? O que pode ainda orientar a ação e a formação do homem numa sociedade na qual imperam objetivos estritamente mercantis e instrumentais? Como retomar a articulação das múltiplas determinações da vida humana num conhecimento que expresse o real em seu movimento num contexto que se fecha a leituras gerais e se fragmenta em especialidades também no campo da filosofia? Enfim, qual o significado político e pedagógico da linguagem nas suas várias formas de enunciação?

Para refletir sobre essas questões retomamos os escritos de Antonio Gramsci a propósito da linguagem reformulando um de nossos primeiros escritos sobre esse autor, começando pela epígrafe daquele nosso primeiro trabalho: «Pode-se dizer que “linguagem” é essencialmente um nome coletivo: ele não pressupõe uma coisa “única” nem no tempo nem no espaço. Linguagem significa também cultura e filosofia»¹.

Cabe aqui esclarecer os significados que Gramsci atribui a esses conceitos: a filosofia, para nosso autor, possui uma dimensão essencialmente política, ou seja, «deve tornar-se política para continuar a ser verdadeira, para continuar a ser filosofia»². A política precisa ser entendida em seu sentido amplo, ou seja, a partir do modo como se estruturam as formas materiais de existência na sociedade capitalista e a sua expressão no modo de ser da sociedade; a nossa inserção no contexto da estrutura define o caráter político de nossa ação, visto que precisamos permanentemente nos posicionar no âmbito das lutas de classes. Estas, por sua vez, enraízam-se no modo de produção material e se reproduzem a partir das múltiplas articulações que compõe as formas de vida em geral. A educação assume um significado geral de formação para a vida, na qual a instituição escolar tem uma tarefa específica de facilitar a assimilação dos códigos necessários para a apropriação do conhecimento historicamente produzido. Enfim, a cultura assume significado e importância na medida em que as relações políticas se constroem fundadas na ideologia como prática de poder, ou seja, tanto filosofia quanto cultura tem como ponto de inflexão a centralidade da política. Na sociedade capitalista as relações de poder se constroem como dominação econômica que se sustenta e se consolida pela direção intelectual e moral a partir da formação do homem e de sua conformação aos interesses do trabalho.

A direção intelectual e moral apresenta-se como uma das principais condições tanto para a conquista quanto para o exercício do poder, constituindo-se no elemento que materializa a dominação e a subalternidade por meio da formação do modo de vida. A divisão do trabalho que caracteriza o cotidiano nas relações sociais em geral (patrão-empregado, professor-aluno, dirigentes-dirigidos, governantes-governados), se inserem no contexto das relações de hegemonia visando a garantir o equilíbrio das relações de forças entre as classes que se formam no contexto da produção e do consumo. Essas relações são naturalizadas e interiorizadas no processo educativo. Nesse contexto, a dimensão simbólica adquire significado político e a linguagem

¹ ANTONIO GRAMSCI, *Concepção Dialética da História*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1978, p. 36.

² *Ivi*, p. 84.

materializa as relações de poder consolidadas e interiorizadas pelas classes ou grupos sociais que interagem entre si.

Portanto, a linguagem não é neutra, mas a partir desse conjunto de articulações é que ela pode ser entendida: a) Na sua relação com a estrutura da sociedade, na qual o simbólico se efetiva como expressão dessa mesma estrutura; a linguagem não é a essência que distingue o homem dos animais, mas os homens se produzem e se conhecem pela mediação do trabalho, fonte criadora da sociedade e do pensamento. b) Por ser produzida historicamente, a linguagem é metafórica e, como tal, traduzível ou vinculada ao princípio da conversibilidade, viabilizando a relação dos saberes entre si e destes com o real vivido. c) A partir desse contexto, qualquer expressão linguística tem seus efeitos políticos e seu conteúdo ideológico. Daí a importância dos intelectuais no contexto de produção e reprodução das relações de dominação e a necessidade de tirar todas as consequências da afirmação de que «todos os homens são intelectuais»³.

Na sequência abordamos esses três pontos procurando evidenciar as articulações que Gramsci reconhece a partir de sua experiência política junto aos trabalhadores italianos no início do século XX. Para fundamentar essa leitura, fazemos breves observações sobre a questão da linguagem em Marx, visto que a linguagem não se apresenta, no marxismo, como paradigma ou como essência primeira, ao contrário, é produzida e assume significado no contexto das relações de produção e seus desdobramentos na política. Se se pretende discorrer a partir de paradigmas, o de Marx é o modo de produção e a consequente luta de classes gerada a partir dele, e não a linguagem.

2. Breves observações sobre a questão da linguagem em Marx

O significado da dialética só pode ser concebido em toda a sua fundamentalidade se a filosofia da praxis for concebida como uma filosofia integral e original que inicia uma nova fase na história e no desenvolvimento mundial do pensamento enquanto supera (e, superando, integra em si os seus elementos vitais) tanto o idealismo quanto o materialismo tradicionais⁴.

Trata-se de retomar alguns escritos de Marx para salientar que a dimensão simbólica, principalmente na linguagem oral, constrói-se como uma das dimensões da vida econômica, social e política, na forma de consciência ideológica. A diferença de fundo entre Marx e o idealismo hegeliano se encontra principalmente no entendimento do homem a partir de sua historicidade, ou seja, a história não consiste no devir e na realização do logos, mas sim no movimento de produção e reprodução da vida pela mediação do trabalho.

Pode-se argumentar que existem outros animais que trabalham e, portanto, o trabalho não pode consistir na diferença pela qual o homem se distingue e constrói a sua essência humana. Ora, já Aristóteles reconhecia que a diferença entre o homem, as abelhas e as formigas é que o trabalho humano é criador e transformador da natureza e do próprio homem. Pela mediação do trabalho enquanto atividade material concreta, determinada pelas circunstâncias históricas, o homem cria as suas condições de viver e, com elas, o seu modo de ser, ou seja, ao renovar cotidianamente a própria vida, cria laços familiares, relações sociais, políticas e culturais formando, nesse movimento, a sua subjetividade. Em outras palavras, os

³ ANTONIO GRAMSCI, *Quaderni del Carcere*, Einaudi, Torino 1977, p. 1516.

⁴ Id., *Quaderni del Carcere*, cit., Q. 11.

homens precisam produzir os meios de sobrevivência antes de «fazer história» ou interpretar o mundo⁵. O «agente histórico não é o homem que pensa e fala, mas aquele que produz e reproduz as condições de sua existência sensível»; não é o intelectual, mas o homem que «maneja o arado, o chicote ou a espada, que troca os produtos de sua atividade ou que vende aforça de seu trabalho»⁶.

O leitor de Marx conhece as premissas das quais o autor parte e que são assinaladas na *Ideologia Alemã*: a empiria, ou seja, os indivíduos e suas condições materiais de existência, «bases verificáveis por vias puramente empíricas». E se acrescenta no texto: «pode-se referir a consciência, a religião e tudo o que se quiser como distinção entre os homens e os animais; porém, esta distinção só começa a existir quando os homens iniciam a produção dos seus meios devida», vale dizer, sua vida material⁷.

Trata-se de substituir a noção metafísica de uma essência humana a priori, que sempre encantou (e continua encantando) os filósofos e que culminou no idealismo hegeliano (que, embora reconhecendo a historicidade da sociedade manteve as bases legitimadoras do discurso metafísico na ideia do Espírito Absoluto) por uma abordagem do movimento histórico no qual o homem, «em sua atividade sensível, forja sua própria realidade» e a interpreta⁸. Ou seja, indivíduos historicamente situados, com uma atividade produtiva determinada, que entram em relações sociais e políticas determinadas, a partir das quais conhecem a si mesmos e aos outros elaboram a sua interpretação da realidade. A chave de leitura da realidade (ou paradigma de Marx, se a base de leitura de Marx for o pensamento chamado “pós-metafísico”) é o modo de produção e, nos seus desdobramentos, a consequente luta de classes e não a linguagem. A materialidade que caracteriza a produção da vida é condição para a produção do conhecimento e não o contrário; o próprio Marx explicita que é a divisão social do trabalho que, ao separar trabalho manual de trabalho intelectual, possibilita a ilusão de que o pensamento tem prioridade sobre o material e manual. O objetivo da filosofia deixa de ser a busca do fundamento universal para voltar-se para a realidade efetiva e concreta, o processo contraditório de formação e construção das sociedades. E não se trata de mostrar o que veio antes ou depois, o trabalho ou a linguagem, numa leitura dualista que descaracteriza o pensamento marxiano, mas de acentuar a relação dialética entre ação e pensamento, que foram separados de modo dualista a partir da divisão social do trabalho.

A inversão radical proposta por Marx em relação à filosofia alemã fica explícita: «não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam e pensam nem daquilo que são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação de outrem, mas parte-se dos homens em carne e osso, na “sua atividade real”»⁹. A partir desses pressupostos edessa inversão de abordagem, pela realização da dialética levando-a a suas últimas consequências, é que a questão da linguagem se coloca.

A linguagem é tão velha quanto a consciência: é a consciência real, prática, que existe também para outros homens e que portanto existe igualmente só para mim e,

⁵ KARL MARX, FRIEDRICH ENGELS, *A Ideologia Alemã I* (crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa de seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas), Ed. Presença, Lisboa 1976.

⁶ FRANÇOIS CHATELET, *Logos e Praxis*, Paz e Terra, Rio de Janeiro 1972, p. 227.

⁷ MARX, ENGELS, *A Ideologia Alemã I*, cit., pp. 18-19.

⁸ CHATELET, *Logos e Praxis*, cit., p. 227.

⁹ MARX, ENGELS, *A Ideologia Alemã I*, cit., p. 26.

tal como a consciência, só surge com a necessidade, as exigências dos contatos com os outros homens. [...]. A consciência é pois um produto social e continuará a sê-lo enquanto houver homens¹⁰.

Importante salientar que a frase cortada do manuscrito acentua que a consciência é relação com tudo o que nos rodeia. Ou seja, sendo relação a consciência está também condicionada pela forma de sociedade da qual se faz parte, ou seja, pelas relações de trabalho. Vale dizer que todo conhecimento é historicamente produzido, não é neutro, mas traduz relações de poder que se produzem no âmbito das lutas de classes. Isso nos remete a um outro texto de Marx no qual a questão da linguagem reaparece, sempre determinada pelas circunstâncias históricas: *O 18 Brumário de Luiz Bonaparte*.

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra, as roupagens, a fim de se apresentar nessa linguagem emprestada¹¹.

Essa longa citação de Marx se justifica pela sua densidade e, entre outros elementos importantes, frisa o conteúdo ideológico da linguagem, ou seja, consciente ou inconscientemente a linguagem, enquanto expressão do real, também o mistifica. A linguagem e a interpretação formam o imaginário social que se realimenta do passado para explicar e sustentar as lutas do presente. A rememoração dos atos heróicos do passado serve tanto para impulsionar a ação transformadora do presente quanto para ocultar os limites e as contradições do projeto que se pretende implementar. Como pano de fundo do uso da linguagem e da história, a luta de classes, na correlação de forças entre o novo que quer nascer e o velho que não quer morrer, nas figuras de uma classe emergente que aspira ao poder e conjura em seu favor as vitórias do passado, outra que perde seu domínio e tenta manter-se no poder e, para isso, ressuscita os momentos privilegiados de seu passado. A linguagem torna-se aqui um instrumento político da maior grandeza, com outras conotações frisadas por Marx:

De maneira idêntica, o principiante que aprende um novo idioma, traduz sempre as palavras deste idioma para sua língua natal; mas só quando puder manejá-lo sem apelar para o passado e esquecer sua própria língua no emprego da nova, terá assimilado o espírito desta última e poderá produzir livremente nela¹².

A aprendizagem de uma nova linguagem, que supõe o esquecimento do idioma de origem, tem como pressuposto a formação cultural e os elos que ligam os subalternos ao horizonte ideológico de seu tempo a partir dos laços de submissão que foram construídos historicamente. O conteúdo ideológico que se sedimenta na linguagem e dificulta a assimilação do novo ou mesmo a sua proposição, implícito nessa citação

¹⁰ *Ivi*, p. 36.

¹¹ KARL MARX, *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*, Paz e Terra, Rio de Janeiro 1977, pp. 17-18.

¹² *Ivi*, p. 18.

de Marx, nos remete ao pensamento de Gramsci sobre as relações de hegemonia que se consolidam e se perpetuam na formação do senso comum e na incapacidade dos subalternos de formular um pensamento autônomo, que expresse realmente o conteúdo de suas lutas.

Ou seja, Gramsci interpreta e amplia a questão da linguagem a partir da explicitação das novas formas de manipulação política possíveis com a utilização de jornais; ora, tais formas de dominação assumem novas dimensões com a inserção das tecnologias de produção e de comunicação de massa desenvolvidas no século XX e que nosso autor não conheceu. Entretanto, sua crítica ao pragmatismo (que poderia ser estendido ao campo da filosofia analítica) assume uma atualidade na medida em que procura mostrar que a política alia-se cada vez mais à cultura para consolidar as relações de poder, de modo que as lutas de classes assumem uma nova dimensão que passa pela necessidade de um trabalho educativo-formativo das classes trabalhadoras, a fim de criar sua própria interpretação do mundo e, com isso, a sua identidade de classe. Para tanto, um dos caminhos é valorizar a sua linguagem, expressão de sua vida e de suas lutas; outro caminho vinculado ao anterior é aprender a traduzir as linguagens a fim de superar os limites do senso comum e de um pensamento homogêneo que sustenta a hegemonia burguesa.

A questão a ser enfrentada nesse contexto é mostrar que, na história, o controle da palavra sempre pertenceu aos dominantes e na sociedade moderna, mais do que nunca, esse poder se multiplicou com a inserção das novas tecnologias de comunicação; de modo que as classes trabalhadoras, para vencer as lutas políticas, precisam se reconhecer no movimento contraditório de construção da sociedade e, para isso, necessitam dominar a linguagem para enfrentar o dominador no seu terreno. Nesse contexto, a luta pela hegemonia implica necessariamente fazer a sua leitura da história, a fim de identificar-se como classe e apresentar-se como projeto político e social alternativo. Esse o significado pedagógico que permeia a política e se organiza a partir da luta de classes.

3. A crítica da linguagem nas formas do pragmatismo: Gramsci frente a Vailati

O despertar iminente é como o cavalo de madeira dos gregos na Troia dos sonhos¹³.

O exame dos Cadernos do Cárcere evidencia a importância da linguagem nas reflexões de Gramsci, na tentativa de escrever uma história dos intelectuais, nas observações sobre arte e literatura e, principalmente, nos elementos levantados para escrever uma história dos subalternos. Nos desdobramentos da noção de hegemonia a linguagem é inseparável da política e da história, tomando sua mais completa dimensão política na radicalização da unidade entre teoria e prática. Nesse contexto a filosofia, enquanto concepção de mundo, é entendida não como elaboração individual desse ou daquele filósofo, mas principalmente como:

luta cultural para transformar a “mentalidade” popular e difundir as inovações filosóficas que se demonstrarão “historicamente verdadeiras” na medida em que se tornarão concretamente, ou seja histórica e socialmente universais, a questão da linguagem e das línguas “tecnicamente” deve ser colocada em primeiro plano¹⁴.

¹³ WALTER BENJAMIN, *Passagens*, Ed. UFMG, Belo Horizonte 2009.

¹⁴ ANTONIO GRAMSCI, *Quaderni del Carcere*, cit., p. 1330.

Frente às concepções neopositivistas e formalizantes que prevaleciam na Itália do início do século XX, a começar pelo pragmatismo de Giovanni Vailati, seguidor de Peano e simpatizante de Russel e Pierce, Gramsci acentua a dimensão política e ideológica da linguagem, na formação de uma elite intelectual que constrói o discurso hegemônico e na submissão passiva dos subalternos, que aderem ao instituído sem perceber que perderam sua voz. Na verdade, os indivíduos pensam e sentem diversamente entre si e se expressam com características próprias. «A cultura, nos seus vários graus», unifica esses indivíduos, «os quais se entendem entre si em graus diversos, etc. São estas diferenças e distinções histórico-sociais que se refletem na linguagem comum e produzem aqueles “obstáculos” e aquelas “causas de erro”», das quais o pragmatismo tem tratado¹⁵.

Trata-se de lembrar aos pragmatistas que «as causas de erro», os «obstáculos» à comunicação, não estão nas palavras, mas no conteúdo ideológico que elas veiculam, nas diferenças culturais que expressam, na multiplicidade de sentidos que podem apresentar, ou seja, no modo como a linguagem se transforma em instrumento de poder no contexto das relações de hegemonia.

A luta de classes e a organização política dos trabalhadores se apresenta, para Gramsci, entre outros fatores, na necessidade de criticar o pragmatismo e seus efeitos políticos, desvelando o conteúdo ideológico de toda linguagem. A reflexão não se limita a discutir paradigmas, mas transita nos limites entre “filosófico” e “não-filosófico” para mostrar a importância de embasar a luta política na formação cultural, a fim de gerar as condições aos que “não sabem” de romper os elos da dominação e retomar a voz e a palavra elaborando o seu próprio pensamento.

Nesse contexto de leitura a crítica da linguagem e de seus efeitos políticos se apresenta como um dos momentos de elaboração do conceito de hegemonia enquanto forma de dominação que se sustenta na direção intelectual e moral, ou seja, na constituição e manutenção de uma elite de intelectuais capaz de elaborar um consenso ou de alimentar o senso comum com fragmentos de culturas mesclados com informações pretensamente neutras a fim de incentivar a aceitação do dado, a naturalização da história, a passividade ante o estabelecido, contribuindo para a estabilidade da prática social. Desenha-se assim a ideia de que existe uma verdade igual para todos, visto que, para ser “verdade”, não pode se sustentar nem se referir à divisão de classes. Esta não existe, porque vive-se numa “democracia” onde todos são “iguais” perante a lei e usufruem dos mesmos direitos como indivíduos isolados; para Eagleton estabelece-se aqui uma das fortes fontes de hegemonia consolidada no sistema parlamentar, ou seja, «supostamente, as pessoas acreditam governar a si mesmas, crença esta que não se esperaria ver alimentada por nenhum escravo da Antiguidade ou servo medieval». Gramsci ampliou, por meio do conceito de hegemonia, a noção de ideologia, que tomou «corpo material e agudeza política» ao ser transposta para a prática social cotidiana podendo abranger «dimensões inconscientes e não articuladas da experiência social»¹⁶.

Eagleton define a hegemonia como «uma gama de estratégias práticas mediante as quais um poder dominante obtém, daqueles a quem subjuga, o consentimento em sua dominação»¹⁷. Ora, acrescentamos que este consentimento pode ser inconsciente, na medida em que as relações sociais são naturalizadas e a divisão de classes diluída por meio das ideias de igualdade e liberdade individual, assimiladas no

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ TERRY EAGLETON, *A ideologia e suas vicissitudes no marxismo ocidental*, in SLAVOV ZIZEK, *Um mapa da Ideologia*, Rio de Janeiro Contraponto, Rio de Janeiro 1996, [pp.179-226], pp. 196-197.

¹⁷ *Ivi*, p.198.

curso do processo educativo; para explicitar as relações de hegemonia torna-se necessário mostrar que a linguagem radica-se na estrutura da sociedade, tem raízes histórico-sociais e, portanto, é ideológica e funciona como instrumento de poder e de dominação. No dizer de Edmundo Fernandes Dias, «construir a hegemonia pelos dominantes implica na destruição das formas culturais» vivenciadas pelas classes populares, processo que vai muito «além da pura incorporação de palavras ou expressões anglófilas»; passa pelo «apagamento de linguagens culturais», produzindo um «horizonte ideológico» unificado que fundamenta o modo de pensar das classes subalternas¹⁸.

A linguagem é, pela formação do senso comum, veículo de difusão de uma ideologia unificadora, por meio da fragmentação do pensamento ou pela divulgação de elementos dispersos e parciais, que escondem as desigualdades sociais e culturais; mas pode ser também instrumento importante para a obtenção de uma nova unidade cultural, a partir da organização política dos trabalhadores e da superação do silêncio ao qual são reduzidos a partir da assimilação de uma linguagem unificadora. Somente a organização política permite superar as limitações culturais impostas pela hegemonia dominante, a partir da explicitação das contradições que permeiam o social e da formação de uma concepção crítica e coerente¹⁹.

Elaborar a própria concepção de mundo significa reconhecer-se como classe, criar uma identidade de classe, assim como a consciência de si e dos objetivos a alcançar. «A compreensão de si mesmo, a luta entre o antigo e o novo, a luta pela hegemonia consiste (também) em se situar na linguagem, posto que a própria linguagem, através de um meio social, nos situa aí como sujeitos»²⁰. Essa questão é fundamental na luta pela hegemonia: a linguagem é o instrumento de unificação política e cultural de uma classe, bem como na formação de sujeitos autônomos que reconhecem os limites e possibilidades de sua ação.

4. A dimensão simbólica no contexto das lutas de classes

A educação profunda consiste em desfazer-se da educação primitiva²¹.

O fato de concentrar-se em uma dimensão do humano sem considerar os elos sociais, políticos e culturais produzidos no contexto da sociedade moderna a partir do modo como se organizam as relações de trabalho apresenta-se como um sintoma de uma opção política que, por não reconhecer-se como tal, é ideológica. A valorização da linguagem como básica na formação da essência humana tem um significado político e ideológico que se esclarece apenas se tiver como pressuposto a estrutura da sociedade moderna fundada na divisão social do trabalho e na exploração da força de trabalho. Trata-se de superar a visão dualista que separa pensamento de ação e que Gramsci aprofunda ao explicitar o significado de “filosofia da praxis”: no Caderno 10, Gramsci retoma uma expressão de Bacon quando diz que «o conhecimento é poder», na medida em que «o homem não entra em relações com a natureza pelo simples fato de ele ser natureza», mas sim «por meio do trabalho e da técnica». Tais relações «são ativas e conscientes» e, por meio delas, «cada um transforma a si mesmo, se modifica, na medida em que transforma e modifica todo o conjunto de

¹⁸ EDMUNDO FERNANDES DIAS, *Revolução passiva e modo de vida*, Ed. Sunderman, São Paulo 2012, p. 144.

¹⁹ ANTONIO GRAMSCI, *Concepção Dialética da História*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1978, pp. 36-37.

²⁰ CHRISTINE BUCI-GLUCKSMANN, *Gramsci e o Estado*, Paz e Terra, Rio de Janeiro 1980, p. 460.

²¹ PAUL VALERY, *Introdução ao Método de Leonardo da Vinci*, Ed. 34, São Paulo 2006.

relações» do qual se faz parte; ter consciência dessas relações ou conhecer a realidade na qual se vive significa «conhecer mais ou menos o modo pelo qual (a realidade) pode se modificar» e esse processo de conhecimento «já as modifica. As próprias relações necessárias, na medida em que são conhecidas em sua necessidade, mudam de aspecto e de importância»²².

Para as classes subalternas o conhecimento se adquire no movimento de organização política pelo qual, na medida em que se age, se conhece e se altera a realidade na qual se está inserido. Como a sociedade capitalista se constrói e se consolida com base na divisão social do trabalho (intelectual e manual), a luta de classes supõe cada dia com mais força a criação de uma autonomia intelectual que implica o domínio da linguagem ou a elaboração de uma linguagem própria. No caso do contexto histórico de Gramsci, o interesse pela literatura (romance de folhetim, teatro) e jornais se expressa na medida em que esse era o modo de exercer a hegemonia pela elite de intelectuais da época.

Na sociedade tecnológica e dos meios de comunicação de massa que caracterizam a contemporaneidade, o poder da linguagem se exerce pela televisão, o cinema, etc., transcendendo todos os antigos limites na consolidação da hegemonia dos grupos dominantes. Pier Paolo Pasolini, leitor de Gramsci e estudioso da linguagem, em artigo de 1968, ao ser perguntado por que os intelectuais, em geral, não colaboram com programas televisivos, alerta para o poder autoritário e incondicional da televisão: primeiro, porque «entre vídeo e espectador não há possibilidade de diálogo. O «vídeo é uma cátedra» que «consagra, dá autoridade, oficialidade». Segundo, porque «o vídeo representa a opinião e a vontade de uma única fonte de informação, que é precisamente - de modo genérico - a do Poder. E, desse modo, mantém o espectador submisso». O que quer que se diga, entra em um universo de relações de poder e de informações centralizadas e manipuladas conforme os interesses da emissora e de quem a financia e não no interesse da informação efetiva. «Por essas razões», completa Pasolini, «é claro que um intelectual, teoricamente, só pode dizer “não” à televisão»²³.

Essas observações feitas no final da década de 60 tomam dimensões inusitadas se pensarmos na mundialização²⁴ do capital, na reforma neoliberal dos Estados e nas novas configurações da telemática no início do século XXI. Os meios de comunicação em geral, cinema e televisão à frente, «realizam uma poderosa ação transformista, absolutamente necessária à Ordem, de conversão do desejo em necessidade»²⁵. Pasolini acentuava que a televisão «é o lugar onde se torna concreta uma mentalidade que de outro modo não acharia onde colocar-se. É através do espírito da televisão que se manifesta o espírito do novo poder», poderíamos acrescentar, a forma mais «autoritária e repressiva» de formação do consenso²⁶.

²² GRAMSCI, *Quaderni del Carcere*, cit., p. 1345.

²³ PIER PAOLO PASOLINI, *Caos - Crônicas Políticas*, Brasiliense, São Paulo 1982, pp. 97-98.

²⁴ Retomando as reflexões de Lea Durante, entende-se mundialização como a «atual fase de expansão transnacional da economia» que, em sua “dimensão ideológica”, se traduz na «transferência dos poderes reais e da hegemonia dos Estados para as empresas. A partir desse esquema se estrutura uma série de corolários, como a positividade da divisão internacional do trabalho como fator de progresso para as áreas menos desenvolvidas, a esperança de um reconhecimento cada vez mais amplo dos direitos civis e assim por diante». LEA DURANTE, *Gramsci e os perigos do cosmopolitismo*, in «Educação em foco - Revista de Educação» (UFJF), v. 5, n° 2, Set.-Fev. 2000-2001, p. 86.

²⁵ FERNANDES DIAS, *Revolução passiva e modo de vida*, cit., p. 145.

²⁶ PIER PAOLO PASOLINI, *Escritos Póstumos*, Moraes Ed., Lisboa 1979 (tradução portuguesa dos Escritos Corsários), pp. 31-32.

Antonio Gramsci acentuava como um consenso passivo funciona no contexto da consolidação da hegemonia e já se preocupava com a atuação dos jornais na formação da opinião pública, determinando os caminhos de um processo eleitoral ou de uma política. Na luta pela hegemonia a linguagem é um instrumento de unificação de uma vontade nacional e esse trabalho é feito pelos intelectuais. A tendência a formar uma elite distante do povo dificulta, para as classes dominantes, manter a hegemonia. Em geral, com o desenvolvimento do capitalismo e a inserção de novas tecnologias de comunicação de massa, bem como com a subordinação dos agentes de comunicação às empresas que os empregam, resolveu-se em grande parte o problema. A produção de um mercado de consumo de cultura de massa (cinema, novelas, best-sellers, etc.) sedimenta a hegemonia a partir da formação de um pensamento homogêneo, que se traduz em comportamentos adequados aos objetivos da hegemonia. Gramsci o descrevia da seguinte forma:

Quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é composta de maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista; [...]. Criticar a própria concepção de mundo significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido²⁷.

Ora, superar a fragmentação e as contradições da própria concepção do mundo e elaborar uma consciência crítica só pode ser efetuado em grupo, num movimento de organização política, com projetos sociais definidos, processo que passa pela resignificação da linguagem e aprofundamento do conhecimento da língua nacional. Mesmo quando se assimila a concepção do mundo hegemônica, se possui uma «concepção própria do mundo, ainda que embrionária, que se manifesta na ação e, portanto, descontínua e ocasionalmente». Enquanto não se desvela o embrionário, fato que só pode ocorrer num movimento político organizado, o subalterno «toma emprestada a outro grupo social, por razões de submissão e de subordinação intelectual, uma concepção do mundo que lhe é estranha», ou seja, que não expressa o seu cotidiano e seus interesses de grupo²⁸.

Essa questão torna-se fundamental, porque a fragilidade dos vencidos se determina pelo fato de que não possuem uma concepção do mundo bem elaborada, que expresse a seus interesses e suas práticas de classe. Daí a importância da cultura e da educação, bem como da atuação dos intelectuais no contexto do pensamento de Gramsci.

Cabe acentuar que, embora os meios de comunicação de massa consolidem um pensamento homogêneo, um consenso total e cristalizado não existe e a sociedade, em qualquer momento histórico, a bem dizer, vive diferenças ideológicas e visões conflitantes da realidade, que tomam proporções de enfrentamento e de tensão profunda conforme os movimentos de organização política das classes subalternas. É nos momentos de crise econômica e política que as contradições emergem e os conflitos podem tomar proporções radicais, levando a situações em que um consenso se torna impossível.

Gramsci acentua que o que se apresenta na forma da língua ou da linguagem é a aparência sob a qual se escondem outros problemas de fundo, como a necessidade de

²⁷ GRAMSCI, *Concepção Dialética da História*, cit., p. 12.

²⁸ *Ivi*, p. 15.

formar e “aumentar a classe dirigente”, a necessidade de estabelecer relações mais próximas e seguras entre os grupos dirigentes e as massas, ou seja, «de reorganizar a hegemonia cultural»²⁹. Tal formação passa pelo transformismo e pela negação ou apagamento das culturas das classes populares, que assimilam gradativamente o modo de ser e pensar hegemônicos veiculados pelos meios de comunicação de massa. Uma vez apagadas ou esquecidas, as culturas tradicionais, em geral fruto da memória e da transmissão oral, perdem-se para sempre.

Pasolini acentua, nos seus Escritos Corsários, que a cultura se constitui do conjunto de todas as culturas de classe, num texto que lembra o que Gramsci nos diz sobre a filosofia:

O que é a *cultura* de uma nação? Pensa-se geralmente, mesmo entre a gente *culta*, que é a cultura dos cientistas, dos políticos, dos professores, dos literatos, dos cineastas, etc., isto é, a *cultura da intelligentsia*. No entanto, isso não é verdade. E também não é a *cultura* da classe no Poder, que, justamente através da luta de classes, tenta impô-la pelo menos formalmente. Finalmente, também não é a *cultura* da classe oprimida, ou seja, a *cultura* popular dos operários e camponeses. A cultura de uma nação é o conjunto de todas estas culturas de classe: é a sua média. E seria, pois, abstrata se não fosse reconhecível - ou antes, visível - no vivido e no existencial, e se não tivesse por consequência uma dimensão prática³⁰.

Pasolini alerta para um novo tipo de centralismo, que supera imensamente a proposta fascista, que se traduz na formação da sociedade de consumo como um novo fenômeno cultural que unifica a partir da veiculação da ideologia que sustenta a sociedade capitalista. A ideologia se apresenta falsa imagem da tolerância e no conformismo que, no fundo, têm traços profundamente repressivos, no modo como os meios de comunicação de massa reduzem todos «ao normal e conformista como o consumidor»; os condicionamentos se produzem por uma postura pretensamente democrática, mas profundamente autoritária, como via de mão única que não possibilita diálogo ou confronto. Essa ideologia se faz acompanhar pelo hedonismo, que esconde a «determinação de planejar tudo com uma desumanidade tal como a história jamais tinha conhecido até agora». Esse novo Poder tem expressão na formalização dos códigos e na formação de um comportamento unificado, «num momento da história em que a linguagem verbal é completamente convencional e esterilizada (tecnicizada), a linguagem do comportamento (corporal e mímico) assume uma importância decisiva». Escrito em 1974, o artigo parece preannunciar a formação de um pensamento único, a produzir-se pela atuação dos meios de comunicação de massa, que veiculam uma linguagem corporal acompanhada de uma linguagem verbal «completamente reduzida a convenções e extremamente pobre»³¹. Assistir a qualquer programa da televisão brasileira quase quatro décadas depois confirma esse prognóstico.

Conforme Dias, a televisão tem, em geral, uma função «conservadora quando não abertamente reacionária. Seu mote é a despolitização ou a politização favorável aos dominantes». O domínio econômico no contexto da globalização se firma e se

²⁹ GRAMSCI, *Quaderni del Carcere*, cit., p. 2346. Um dos mecanismos de aprendizagem da língua que Gramsci considera essencialmente político é a Gramática Normativa: «que enorme trabalho de paciência requer a sua aprendizagem (quanto trabalho se faz necessário para conseguir que centenas de milhares de recrutados das mais diferentes origens e preparação mental se tornem um exército homogêneo e capaz de mover-se e agir disciplinada e simultaneamente)». *Ivi*, p. 2347.

³⁰ PASOLINI, *Escritos Póstumos*, cit., p. 55.

³¹ *Ivi*, pp. 56-57.

consolida no domínio político e ideológico, concentrado na «fusão das potências midiáticas»³². Nesse horizonte no qual se forma o imaginário do cidadão expectador dócil e passivo a força da linguagem, verbal e imagética, reduz as classes populares a um saber superficial e fragmentado que constitui seu senso comum e destrói todas as suas possibilidades de resistência. Os caminhos de transformação dessa realidade passam pela apropriação dos mecanismos de direção cultural, de formação intelectual e moral da sociedade, colocando em evidência a educação no contexto das relações de hegemonia³³.

5. A linguagem como metáfora e a afirmação da identidade dos subalternos

Toda a linguagem é um contínuo processo de metáforas, sendo a história da semântica um aspecto da história da cultura: a linguagem é, simultaneamente, uma coisa viva e um museu de fósseis da vida e das civilizações³⁴.

Retomamos agora o item b, que acentua que a linguagem é metafórica por ser um produto histórico e, como tal, inserido no conjunto de relações de forças que instituem e consolidam a ordem social ou o poder. Ser metafórica significa que possui vários sentidos que se entrecruzam, ou seja, é ambígua e dinâmica, podendo ser instrumentalizada conforme os interesses políticos em presença. Por outro lado, o ambíguo pode ser ainda aquilo que escapa à lógica e à coerência do sistema, aquilo que é inusitado, que gera perplexidade e pode, por suas características, colocar em questão toda a ordem instituída. Como se entende a partir do materialismo histórico, a realidade não é translúcida e o imediatamente dado, que aparece como o lado luminoso das relações sociais, esconde as contradições que o compõe e que precisam ser desveladas para que seu verdadeiro conteúdo (político, ideológico), transpareça. Na medida em que se afirma o novo modo de existência da filosofia pela sua relação privilegiada com a história e a política, característica fundamental do materialismo histórico, tem-se que reconhecer a historicidade de toda concepção de mundo e as novas articulações que se estabelecem entre sujeito e objeto, consciência e realidade, conhecimento de si e do mundo. Tem-se ainda que assumir a metáfora como o modo de expressão privilegiado do discurso filosófico, vinculando-a aos princípios de tradutibilidade e conversibilidade. Uma filosofia que se manifesta como reflexão sobre a atividade humana e tem como objetivo precípua a transformação dessa realidade, pode nascer de práticas não filosóficas e pode ainda converter-se em ação efetiva, ou seja não pode ser formalizada, mas apenas traduzida.

Toda corrente cultural cria a sua linguagem própria, ou seja, participa no desenvolvimento geral de uma determinada língua nacional, introduzindo termos novos, enriquecendo com conteúdo novo os termos já em uso, criando metáforas,

³² FERNANDES DIAS, *Revolução passiva e modo de vida*, cit., pp. 145-146.

³³ Se pensarmos nos altos índices de analfabetismo entre as classes populares e nas dificuldades de estabelecer a relação entre alfabetização e letramento, enquanto domínio efetivo dos mecanismos de conhecimento, podemos formar uma ideia da extensão do problema. A inserção de novas tecnologias no processo de educação, sem as bases essenciais do letramento, atua para aumentar as desigualdades sociais. A crise educacional se traduz num processo continuado de abandono das classes trabalhadoras que, sem ter o domínio dos códigos de leitura e interpretação, são facilmente seduzidas pelo discurso conservador.

³⁴ GRAMSCI, *Concepção Dialética da História*, cit.

servindo-se de nomes históricos para facilitar a compreensão e o juízo sobre determinadas situações (políticas) atuais³⁵.

A tradutibilidade designa a possibilidade de relação dos saberes entre si e destes com a realidade, assim como a relação entre as culturas nacionais ou de grupos; se a filosofia, a política e a economia «são elementos constitutivos de uma mesma concepção de mundo, deve existir necessariamente, em seus princípios teóricos, conversibilidade de uma na outra, tradução recíproca na linguagem específica de cada uma»³⁶. Esses saberes não são meros reflexos da infraestrutura, mas são traduzíveis entre si e apresentam uma conversibilidade em relação ao real, numa relação não redutora, mas produtiva, eficaz, transformadora. É a partir desse contexto que as classes subalternas podem, a partir de sua organização política e de sua linguagem própria, apropriar-se da cultura ou do conhecimento historicamente produzido, a fim de construir projetos transformadores da estrutura econômica, social e política.

Para Gramsci o materialismo histórico apresenta-se como a filosofia que, por ser «expressão necessária e inseparável de uma determinada ação histórica»³⁷, por ser vivida na prática enquanto concepção de mundo, pelo seu compromisso com a transformação da realidade, por sua eficácia histórica, pode ser traduzida nas linguagens das situações concretas particularmente o movimento operário alemão pode ser apresentado como o «herdeiro da filosofia clássica alemã», um herdeiro que «continua praticamente o predecessor», porque «deduziu uma vontade ativa, transformadora do mundo, da mera contemplação»³⁸. Somente nesse movimento relacional dialético entre teoria e prática que o conhecimento se realiza.

Na luta pela hegemonia a questão do conhecimento e da linguagem são fundamentais para a conquista da direção intelectual e moral da sociedade. Daí a força hegemônica que emana do controle dos meios de comunicação de massa e da formação de um consenso passivo; no contexto da mundialização do capital e da fusão das grandes potências midiáticas, o controle autoritário e imperialista se instaura de modo sutil e quase imperceptível. Desconstruir esse processo e gerar novas bases de reflexão ou uma nova concepção de mundo torna-se um desafio como o de Sísifo ante a montanha ou de Édipo ante a esfinge.

Ora, no contexto das relações de hegemonia e da correlação de forças que caracteriza a luta de classes, o fato de a linguagem ser metafórica permite ressignificar as palavras conforme o momento histórico e a relação de forças em presença, ou seja, assim como os dominantes instrumentalizam a linguagem e a cultura para fins do exercício do poder, a organização política das classes subalternas se apresenta como o meio para elaborar a sua concepção de mundo, a sua cultura e a sua linguagem para assim se apropriar do conhecimento historicamente produzido. Sabe-se que se trata de uma relação extremamente desigual, mas a criação de formas de resistência não é impossível. O possível precisa ser construído a partir da leitura crítica das condições presentes, ou seja, «do ponto de vista dos subalternos é necessário fazer a crítica da economia e da política burguesas, atuar no sentido da invenção da sociabilidade socialista» a partir da explicitação das condições presentes³⁹. Ou seja, inventar no interior da ação e do discurso burguês, rompendo os

³⁵ GRAMSCI, *Quaderni del Carcere*, cit., pp. 2264-2265.

³⁶ GRAMSCI, *Concepção Dialética da História*, cit., p. 113.

³⁷ *Ivi*, p. 160.

³⁸ *Ivi*, p. 265.

³⁹ FERNANDES DIAS, *Revolução passiva e modo de vida*, cit., pp. 133-134.

elos de subalternidade, criando uma linguagem própria, tirando proveito das possibilidades metafóricas a fim de refutar com destreza o universal legitimador do pensamento único e retomar o conhecimento na sua dimensão histórica.

Por exemplo, quando se fala em luta de classes tem-se que explicitar que o seu significado se transformou com a mundialização do capital: a luta de classes toma novas dimensões no contexto do capitalismo a partir do modo como se produzem e reproduzem as classes no movimento de produção dos modos de vida. Como acentua Dias, as classes «não são uma classificação topológica, mas articulações de luta, experiências e sociabilidades produzidas conflitivamente na sua oposição estrutural»⁴⁰. Nesse processo os «meios de comunicação de massa tornam-se decisivos na disputa hegemônica, alterando fundamentalmente o processo de luta de classes»⁴¹. As formas de dominação se consolidam com base na formação de um modo de pensar homogêneo e pretensamente universal, diluindo as condições de expressão das classes subalternas.

Desvelar, para além das aparências, as contradições e as formas que estas assumem no processo de construção das condições materiais de existência, assim como as formas que assume a ideologia como prática de poder, supõe a organização política dos trabalhadores a fim de superar todas as ilusões e transformismos que minam na já na origem qualquer tentativa de resistência frente aos mecanismos de poder. Trata-se de criar, nos embates políticos, as possibilidades de uma nova cultura e uma nova linguagem que possibilitem romper os elos de subordinação e as formas de marginalização que se proliferam na sociedade capitalista.

A questão que novamente se coloca nesses tempos de neoliberalismo é, na mesma assertiva que Jameson colocou para Lukács a propósito de *História e Consciência de Classe*, agora colocada para a esquerda: «mostrar que o pensamento proletário é exatamente capaz de resolver as antinomias que o pensamento burguês, pela sua própria natureza, é incapaz de enfrentar»⁴². E essa incapacidade do pensamento burguês se apresenta precisamente na separação entre sujeito e objeto, na abordagem parcial e estática da história e da cultura limitada pelo pensamento abstrato; somente o trabalhador, ao viver a condição de objeto e ao perceber-se como tal pode elaborar uma nova consciência de si que seja também uma consciência de classe, a partir da apreensão do real como processo e da unidade de pensamento e ação. Somente assim é possível compreender o real para além de suas aparências, o que implica uma efetiva organização política e a reformulação do entendimento sobre o processo pedagógico.

6. Para concluir

Concentramo-nos na questão da linguagem por entendermos fundamental explicitar a sua dimensão ideológica no contexto dos escritos de Marx e Gramsci, a fim de salientar que a dialética marxista se constrói a partir da empiria e do modo de produção (trabalho) enão da linguagem, embora se possa fazer recortes do texto de Marx para dizer o contrário. A importância da dimensão simbólica na manutenção das relações de poder no exercício da hegemonia se produz na medida em que a divisão social do trabalho possibilitou a predominância do trabalho intelectual sobre o trabalho manual. Nesse contexto, a consolidação da hegemonia se faz por meio da divulgação de um pensamento homogêneo que forma o horizonte ideológico das

⁴⁰ *Ivi*, p. 159.

⁴¹ *Ivi*, p. 118.

⁴² FRIEDRICH JAMESON, *Marxismo e Forma*, Hucitec, São Paulo 1985, p. 146.

classes subalternas que, desse modo, tem seu poder de resistência diluído. A proposição gramsciana de que a direção intelectual e moral é fundamental na luta pela hegemonia está na base de seu interesse pela linguagem e pela literatura.

Pensamos ter esclarecido implicitamente no corpo de nosso texto a amplitude do desafio educativo e formativo a enfrentar no contexto da sociedade capitalista contemporânea, um desafio que passa pela reorganização dos movimentos populares e que se apresenta na nova dimensão da luta de classes enquanto uma luta econômica, política e cultural.

A partir do que assinalamos, pensamos que as questões a serem enfrentadas no contexto escolar são: refletir sobre os procedimentos a tomar para superar os limites que as próprias condições sociais colocam para a escola a partir de seus conflitos; redefinir seu projeto político pedagógico como base para uma escola voltada para a formação dos trabalhadores; explicitar as relações de hegemonia vigentes a fim de enfrentar a desconstrução cotidiana de seu trabalho efetuada pelos meios de comunicação de massa. Somente a partir desse trabalho a escola poderia oferecer aos filhos dos trabalhadores a possibilidade de um pensamento autônomo e questionador, base para a sua organização enquanto classe.